

ENTRE 1957 E 1960, O CANTEIRO DE OBRAS DE BRASÍLIA RECEBEU VISITANTES OS MAIS ILUSTRES, ENTRE ELES CHEFES DE ESTADO, UM REI, DOIS PRÍNCIPES, UMA DUQUESA, UM FUTURO PAPA, JORNALISTAS, ARQUITETOS, CINEASTAS, ESCRITORES. GENTE QUE QUERIA ACOMPANHAR A INACREDITÁVEL AVENTURA DE SE CONSTRUIR UMA CIDADE NA SOLIDÃO DO CERRADO

EM TERRA NUNCA ANTES NAVEGADA

» CONCEIÇÃO FREITAS

Nunca antes naquele Brasil adormecido, tantos chefes de Estado, ministros, escritores, cineastas, arquitetos, jornalistas e etcetera haviam visitado o país num único governo. Entre 1957 e 1960, o canteiro de obras de Brasília recebeu mais de uma centena de estrangeiros ilustres, do Rei da Etiópia, Haile Selassie ao príncipe Mikasa, do Japão; do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, ao secretário de Estado do Vaticano, cardeal Giovanni Montini, futuro papa Paulo VI; do astronauta russo Yuri Gagarin ao cineasta norte-americano Frank Capra e ao herdeiro do magnata do império Hearst de comunicação, William Randolph Hearst Jr. (O *Cidadão Kane*).

As obras nem haviam começado quando o jornalista Tad Szulc, do *New York Times*, aterrissou na cidade ainda inexistente, a 5 de outubro de 1956. Não há registro de como o repórter alcançou o vale onde o Plano Piloto seria construído. Deve ter vindo de avião da FAB e desembarcado no campo de pouso onde mais tarde seria construída a Rodoferroviária. Ainda em 1956, o prefeito de Nova York, Robert Wagner, também veio conhecer a futura capital do Brasil, e trouxe a mulher.

As 11h de 27 de novembro de 1956, aterrissou em Brasília inusitado visitante, o coronel inglês Peter Townsend, herói da Segunda Guerra Mundial, ex-escudeiro do rei George VI e da Rainha Elizabeth II. Townsend dava a volta ao mundo numa espécie de exílio amoroso. Um ano antes, ele havia sido o centro das atenções da imprensa britânica e, por extensão, dos jornais de todo o mundo ocidental, por conta de seu romance com a princesa Margaret, herdeira do trono inglês. Os impedimentos eram graves: 15 anos mais velho que a amada, o coronel era separado da primeira mulher. Depois de dois anos de especulação em torno do casal, a princesa cedeu às pressões do reino e declarou

que obedecia aos princípios da Igreja Católica, para a qual o casamento era "indissolúvel". Brasília ajudou o coronel a esquecer a derrota.

Depois que a pista do aeroporto foi inaugurada, em abril de 1957, e que a notícia da construção de uma cidade moderna "na selva brasileira" se alastrava pelo mundo, as visitas ao canteiro de obras cresceram vertiginosamente. Já em janeiro de 1958, chegava à cidade o presidente do Museu de Arte Moderna de Nova York, William Burden. Jornalistas desciam em levadas na pista de pouso — repórteres consagrados como Raymond Cartier, da revista *Paris-Match*, ou vindos de regiões distantes, como M. Nahumi, do jornal *Al Hamishmar*, de Telavive.

O primeiro dos chefes de Estado a visitar o chapadão foi o presidente de Portugal, Craveiro Lopes. Veio em 20 e 21 de junho de 1957, dormiu no Catetinho e percorreu, de jipe, as trilhas enlameadas do futuro Plano Piloto. Craveiro Lopes inaugurou o primeiro hospital da cidade, o do IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), que recebeu o seu nome, mas por pouco tempo. Mais tarde, o hospital passaria a se chamar Juscelino Kubitschek de Oliveira, o HJKO.

No primeiro semestre de 1958, vieram sujar os pés de lama vermelha jornalistas italianos, britânicos, suecos, norte-americanos, franceses, alemães, japoneses. Também esteve aqui o ditador do Paraguai, Alfredo Stroessner, e o príncipe e a princesa Mikasa, do Japão. Foi uma festa nipo-brasileira, mais brasileira do que nipônica. Contrariando as rígidas tradições milenares, suas Altezas apertaram as mãos e se permitiram abraçar membros da colônia japonesa que já estavam plantando hortaliças no chão ácido do cerrado desde 1957. Os nipo-candanos

prepararam um churrasco para os herdeiros do trono japonês, mas o jovem casal já havia almoçado. Na vinda a Brasília, o filósofo e ministro da Educação da França, André Malraux, deixou o epíteto da nova cidade, "a capital da esperança". O inglês Aldous Huxley (*Admirável mundo novo*, *As portas da percepção*) também veio e legou à

nova capital uma frase que ficou nos anais: "Vim de Ouro Preto para Brasília. Que jornada dramática através do tempo e da história! Uma jornada do ontem para o amanhã, do que terminou para o que vai começar, das velhas realizações para as novas promessas". Outro visitante que deu novo sentido à obra foi o ex-ministro do Comércio da Noruega Arne Skaug: "Só o espírito jovem das Américas poderia construir obra pioneira tão grandiosa como Brasília. O europeu, com séculos de tradição, jamais poderia ter iniciativa tão arrojada".

Primeiro homem a deixar a atmosfera terrestre, o astronauta russo Yuri Gagarin visitou a nova capital poucos meses depois de se transformar num herói do Oriente e do Ocidente (estávamos, aquele tempo, em plena Guerra Fria). O jovem Gagarin desceu na vastidão solitária da savana brasileira e sacou de sua sensibilidade de astronauta: "Parece que estou chegando a outro planeta, presidente". A jornalista norte-americana Inez Robb, que dizia representar uma cadeia de 300 jornais, foi superlativa: "Depois da bomba atômica e do Sputnik (o primeiro satélite artificial a ser lançado ao espaço), Brasília vai se incorporar à história como um dos mais audaciosos projetos do século 20".

Às vésperas da inauguração, a cidade recebeu o presidente dos Estados Unidos à época, Dwight Eisenhower. Em 23 de fevereiro de 1960, o quadrimotor de bandeira vermelha e branca pousou no aeroporto de madeira. Soldados da Aeronáutica já estavam prontos para estender o tapete vermelho até a porta do avião. "Deu-se, então, o desastre — conta JK em *Por que construí Brasília*. O avião estacionara próximo demais e, quando o tapete atingira a escada, um grande rolo ainda restava por ser aberto. Estabeleceu-se a confusão. Que fazer? Passar o tapete sob a escada ou pedir ao piloto norte-americano que recuasse um pouco o avião?"

O responsável pelo protocolo interveio a tempo, "impedindo que a segunda hipótese fosse tentada", conta Juscelino em estilo bem-humorado (seu *ghost-writer* foi o escritor Carlos Heitor Cony). Teve-se, então, a ideia de cortar o tapete. Como fazê-lo? "Um candango mais prestimoso já estava com sua peixeira na mão quando um G-man (sigla para agente especial do presidente americano) se antecipou com sua faca resolvendo o problema."

Depois de percorrer a cidade (a dois meses da inauguração), Eisenhower perguntou: "Como foi possível fazer tanta coisa em apenas dois anos, presidente?"

ArPDF/Reprodução



Homens de terno e mulheres com a elegância da década de 1950 cruzavam a terra vermelha para conhecer a cidade em construção

José Góes/Divulgação



Fidel Castro (E) visita JK em Brasília logo depois da revolução cubana

Acervo UGPA/UCG/Reprodução



Jornalistas de todo o mundo cobriram a inauguração de Brasília

ALGUNS DOS VISITANTES MAIS ILUSTRES

Presidente dos Estados Unidos	Dwight Eisenhower
Presidente de Portugal	Craveiro Lopes
Presidente da Itália	Giovanni Gronchi
Príncipe	Mikasa, do Japão
Príncipe	Bernard, dos Países-Baixos
Presidente de Cuba	Fidel Castro
Presidente do México	Adolfo López Mateos
Presidente do Paraguai	Alfredo Stroessner
Primeiro-ministro do Japão	Kishi Nobusuke
Rei da Etiópia	Haile Selassie
Secretário de Estado do Vaticano	cardeal Giovanni Montini, futuro papa Paulo VI
Prefeito de Nova York	Robert Wagner
Ministro da Cultura da França	André Malraux
Ministro das Finanças da França	Antoine Pinay
Secretário de Estado norte-americano	Foster Dulles
Ministra do Exterior de Israel	Golda Meir
Ministro do Comércio da Noruega	Arne Skaug
Escritor norte-americano	John dos Passos
Escritor inglês	Aldous Huxley
Cineasta norte-americano	Frank Capra
Astronauta russo	Yuri Gagarin
Duquesa de Kent, Inglaterra	William Burden
Presidente do Museu de Arte Moderna de Nova York	William Randolph Hearst Jr.
Jornalista	filho do grande magnata das comunicações

MESTRE DO MARKETING

Autor de *Brasília Kubitschek* de Oliveira e da mais recente biografia de JK, Ronaldo Costa Couto tem uma explicação para o sucesso de público e de crítica (estrangeira) que foi a construção de Brasília. "Juscelino tinha o instinto do marketing. Fazia as coisas e sabia que era importante mostrá-las, e isso aconteceu desde a construção da Pampulha." Quando o presidente percebeu que, dentro do Brasil, a ideia da nova capital tinha provocado reações raivosas, ele foi buscar apoio fora das fronteiras.

"Juscelino transformou Brasília numa passarela de grandes nomes. Foi a maneira que ele encontrou de consolidar a realização brasileira", continua Costa Couto. Os estrangeiros ficavam duplamente impressionados: com a aplicação dos princípios modernistas de arquitetura e urbanismo em local tão improvável e com a capacidade de realização do povo brasileiro. "Juscelino exportou a ideia de Brasil modernizador. Ele sabia que o brasileiro, com seu complexo de vira-lata, não resistia a elogios de celebridades estrangeiras."

Os movimentos diplomáticos pareciam ter sido planejados — não apenas a cidade. Juscelino determinou a construção do Palácio Residencial (o da Alvorada) e do Hotel de Turismo (o Brasília Palace Hotel) antes mesmo de escolhido o projeto de Plano Piloto. A pista do aeroporto começou a ser aberta ainda em outubro de 1956. Ou seja, JK preparou as condições para que os estrangeiros pudessem visitar a obra modernista no sertão do Planalto Central brasileiro "onde se chegava de avião e se tinha condições mínimas de hospedagem". (CF)

Arquivo Público do Distrito Federal



Presidente do México, abraçando duas meninas, veio conhecer as obras da nova capital. À direita, Juscelino com o presidente da Itália à época, Giovanni Gronchi

Mario Fontenelle/Arquivo Público do Distrito Federal



Arquivo Público do Distrito Federal

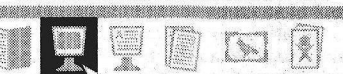


JK com o secretário de Estado dos EUA, Forth Dulles. À direita, equipe de jornalistas alemãs na nova cidade

ArPDF/Reprodução



www.correiobraziliense.com.br



Acompanhe no hotsite mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

» LEIA NA EDIÇÃO DE 17 DE MARÇO DE 2012 — De onde vieram os candangos que construíram Brasília.